

ISABEL CRISTINA MOREIRA

**O SIGNIFICADO DA GRAVIDEZ PARA AS ADOLESCENTES DE
COMUNIDADE DE BAIXA RENDA**

BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS

2010

ISABEL CRISTINA MOREIRA

**O SIGNIFICADO DA GRAVIDEZ PARA AS ADOLESCENTES DE
COMUNIDADE DE BAIXA RENDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de especialização em Atenção Básica em Saúde da família, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientador: Professor Mário Dias Corrêa Junior

BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS

2010

ISABEL CRISTINA MOREIRA

**O SIGNIFICADO DA GRAVIDEZ PARA AS ADOLESCENTES DE COMUNIDADE
DE BAIXA RENDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de especialização em Atenção Básica em Saúde da família, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientador: Professor Mário Dias Corrêa Junior

Banca Examinadora

Aprovada em Belo Horizonte

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	06
2 - JUSTIFICATIVA.....	08
3 - OBJETIVOS.....	09
3.1 – Objetivo Geral.....	09
3.2 – Objetivos Específicos.....	09
4 – METODOLOGIA.....	10
5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
5.1 – Baixa Escolaridade.....	11
5.2 – Expectativas de União Consensual com o Parceiro.....	13
5.3 – Gravidez não Planejada e Uso Incorreto dos Contraceptivos.....	14
5.4 – Vivência imatura da Sexualidade.....	14
5.5 – Influência e Aceitação da Família.....	15
5.6 – Negligência em relação à exposição de risco à saúde.....	16
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	20

RESUMO

A gravidez na adolescência é uma realidade que não para de crescer no Brasil e no mundo. A gravidez precoce tem repercussões biológicas, psicológicas, familiares, sociais, econômicas e culturais. O principal objetivo deste trabalho foi identificar qual é o significado da gravidez para as adolescentes de comunidade de baixa renda realizando uma revisão bibliográfica de caráter científico e em nível nacional. Para isso, foram selecionados artigos indexados de 2000 a 2009 que representassem muito bem o tema proposto. Para muitos autores, a gravidez na adolescência é uma situação de risco psicossocial que pode ser reconhecida como um problema para os jovens que iniciam uma família não intencionada. Porém, por outro lado, muitas adolescentes planejaram sua gravidez e se sentem realizadas com ela. Ser mãe, para elas, é um projeto de vida e não importa a idade; o que está em jogo são os sonhos realizados a partir da gravidez, a estabilidade com o pai da criança e as conquistas de independência que decorrem da gravidez. A gravidez tem vários significados como: engravidar para não perder o namorado, para sair da casa dos pais e evitar o clima familiar desagradável, para afirmar sua feminilidade através da fertilidade, para encontrar nos cuidados com o filho um objetivo para a sua vida, ou para aplacar a solidão na companhia do filho. Em outras palavras, é a tentativa de se opor uma vida tortuosa, preencher um vazio interior.

PALAVRAS CHAVE: Adolescente grávida. Gravidez precoce. Sentimentos. Emoções.

ABSTRACT

Adolescent pregnancy is a reality that does not stop growing in Brazil and worldwide. Early pregnancy has effects biological, psychological, familial, social, economic and cultural. The main objective of this study was to identify what is the meaning of pregnancy for adolescents low-income community by performing a literature review of scientific and national level. For this, we selected articles indexed from 2000 to 2009 that represented very well the theme. For many authors, teenage pregnancy is a psychosocial risk that can be recognized as a problem for young people who start a family unintended. But on the other hand, many teenagers planned their pregnancy and feel done with it. Being a mother to them, is a project of life and no matter what age, what is at stake are the dreams made from the pregnancy, the stability with the father of independence and the achievements arising from the pregnancy. Pregnancy has many meanings as to become pregnant to avoid losing the boyfriend to leave the parental home and avoid the unpleasant family atmosphere, to assert their femininity through fertility, to find child care in a purpose for your life, or to assuage the loneliness in his son. In other words, is the attempt to oppose a tortuous life, to fill an inner void.

KEY WORDS: Adolescent pregnancy. Early pregnancy. Feelings. Emotions.

1- INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é uma realidade em todo o mundo e tem sido apontada como um problema social, sobretudo quando associada à pobreza. Para Cavasin *et al.* (2004), o fato de a população jovem ser a maior de todos os tempos e de boa parte dela estar inserida nos segmentos social e economicamente mais vulnerável faz com que a gravidez se torne, nesse caso, uma preocupação política.

O significado de uma gravidez precoce depende do seu contexto social e das experiências que as adolescentes vivenciaram e vivenciam na realidade. Para algumas adolescentes, a gravidez faz parte do projeto de vida. Porém, para outras, é um evento desagradável que gera medo e conflitos ou acentua os problemas já existentes.

Adolescência deriva do latim *adolescere*, que significa “crescer”. Adolescência é o período da vida compreendido entre a puberdade e a fase adulta, e para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1975) é a etapa que vai dos 10 aos 19 anos, e o Estatuto da Criança e Adolescência (ECA, 1996) a conceitua como a faixa etária de 12 a 18 anos (GURGEL *et al.*, 2008, p.799). Para Gurgel *et al.*(2008), a adolescência é um período de transformação profunda no corpo, na mente e na forma de relacionamento social do indivíduo. Trata-se de uma etapa da vida em que ocorrem a maturação sexual, o acirramento dos conflitos familiares e a formação e cristalização de atitudes, valores e comportamentos que determinarão sua vida e na qual se inicia a cobrança de maiores responsabilidades e definição do campo profissional.

Para Yazlle (2006), a adolescência é uma etapa da vida que compõe as duas possibilidades: aptidão para crescer fisicamente e psicologicamente, e de sofrimento emocional pelas transformações biológicas e mentais que podem ocorrer. Essa autora afirma que a sociedade ocidental, na atualidade, transmite informações contraditórias para o adolescente: espera que o adolescente se comporte como adulto e cumpra seu papel de cidadão com responsabilidade social e adequação, como também, procura prolongar o período da adolescência. Porém, ele não é adulto. Essa etapa da vida é uma preparação para a mudança de status de criança para a de adulto. Esse processo é complexo por exigir que o adolescente cumpra algumas tarefas evolutivas ao longo dessa preparação como a estruturação da identidade, cumprimento acadêmico e profissional e relação de par. O adolescente de meio social mais carente e de situação de exclusão social tem esse período de vida abreviado ou até mesmo impedido.

Mas o que afinal significa ser mãe em uma fase tão precoce da vida? Para muitos autores, a gravidez na adolescência é uma situação de risco psicossocial que pode ser reconhecida como um problema para os jovens que iniciam uma família não intencionada. Porém, por outro lado, muitas adolescentes planejaram sua gravidez e se sentem realizadas com ela. Ser mãe, para elas, é um projeto de vida e não importa a idade, o que está em jogo são os sonhos realizados a partir daí, a estabilidade com o pai da criança e as conquistas de independência que decorrem da gravidez.

São muitos os estudos que atribuem o crescimento da gravidez na adolescência. Eles citam um conjunto de fatores que teria provocado mudanças importantes no comportamento sexual e social da população jovem: antecipação da menarca, condições socioeconômicas resultantes do processo de migração/urbanização, menor controle das famílias sobre os adolescentes, intensa exploração da sexualidade pela mídia, uso incorreto de contraceptivos, dentre outros. Outros fatores sempre mencionados como argumentos explicativos ou causais da gravidez na adolescência são os relacionados ao nível de renda e escolaridade, além do enfraquecimento da relação entre a vida reprodutiva e o casamento. (CAVASIN *et al.*, 2004)

Para os mesmos autores a falta de estudos associada à ineficiência do ensino é lembrada como reforçadora da sexualidade precoce. Para alguns, os estabelecimentos de ensino têm um papel muito importante no processo de socialização e de informação, mas não atuam satisfatoriamente

É como se a sexualidade nessa fase da vida estivesse desatrelada da reprodução, quando, de fato, a reprodução e o exercício da sexualidade deveriam ser sempre atos planejados e desejados.

Como enfermeira da Estratégia de Saúde da Família do Centro de Saúde Granja de Freitas atendo todos os dias adolescentes grávidas e que se encontram no cotidiano apresentado acima. A equipe já realiza um grupo operativo para adolescentes em relação ao planejamento familiar, porém pouco resultado tem-se obtido nesse período. Todos os envolvidos perceberam que a realidade e o sentimento em relação à gravidez precoce para as adolescentes eram diferentes dos propostos pela equipe de saúde, e que engravidar faz parte do projeto de vida delas e se torna algo desejado e sonhado. Com isso, surgiu a necessidade de estudar mais sobre essa realidade vivenciada em comunidades de baixa renda para melhorar a estratégia da equipe para efetivamente ajudar essas adolescentes.

2 - JUSTIFICATIVA

A proposta para a realização do trabalho científico do curso de especialização em atenção básica em saúde da família sugere que o trabalho deve abordar temáticas que estejam atreladas às realidades de saúde, na experiência cotidiana e nos interesses dos alunos em serviços de saúde. Baseando-se nestes eixos, levando em consideração os problemas levantados pela equipe de saúde durante os atendimentos diários de adolescentes grávidas, realizaremos uma revisão bibliográfica de caráter científico visando identificar os significados da gravidez para as adolescentes em comunidades de baixa renda.

Com a elaboração dessa pesquisa pretende-se melhorar a forma de abordar as adolescentes que pretendem engravidar em uma fase da vida tão jovem e àquelas que já se encontram grávidas. Percebeu-se que pouco adianta tentar convencê-las a engravidar na fase adulta ou investir mais em seus estudos. A realidade vivenciada por essas adolescentes torna seus sonhos diferentes e isso deve ser respeitado pelas equipes de saúde, que muitas vezes, tenta impor de forma sutil e inconsciente, valores diferentes em relação a família, responsabilidade, futuro e maturidade.

3 - OBJETIVOS

3.1 - Objetivo Geral

Revisar a literatura atual sobre o significado da gravidez para as adolescentes que moram em comunidades de baixa renda.

3.2 - Objetivos Específicos:

- Analisar o perfil das adolescentes que engravidam nessa fase da vida;
- Identificar os conjuntos de fatores que possam ser apontados como possíveis determinantes e condicionantes da gravidez na adolescência;
- Identificar os significados de uma gravidez precoce para a adolescente e sua família;
- Identificar qual a relação entre a gravidez e a perspectiva de vida das adolescentes.

4 - METODOLOGIA

Realizou-se um estudo de revisão bibliográfica com busca no site da biblioteca virtual de saúde – bvs e na rede SciELO, onde foram selecionados onze artigos científicos que foram analisados quanto aos aspectos relevantes passíveis de interferir no significado da gravidez sobre as adolescentes.

Foram utilizados, para busca dos artigos, os seguintes descritores: adolescentes grávidas, gravidez precoce, sentimentos e emoções. Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em português, artigos na íntegra que retratassem a temática referente à revisão narrativa e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados nos últimos dez anos.

Para isso, separamos os resultados encontrados em seis tópicos com o objetivo de discutir o assunto de forma mais direcionada, separando os fatores determinantes e condicionantes de uma gravidez precoce e o que eles representam para as adolescentes grávidas.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura dos artigos científicos selecionados pode-se observar que os fatores determinantes e condicionantes da gravidez precoce têm múltiplas causas, incluindo descuido, uso incorreto do método contraceptivo, promiscuidade e acesso à informação de forma inadequada (GURGEL *et al.*, 2008, p. 801)

Em comunidades carentes, segundo Cavasin *et al.* (2004), engravidar na adolescência seria uma característica cultural do meio em que vivem. Em seu estudo, muitas das jovens se vêm frustradas em relação à perspectiva de vida, futuro profissional, estudantil e tem poucas alternativas de lazer, cultura e educação nessas localidades, restando a elas apenas terem filhos. Para muitas adolescentes, as famílias são desestruturadas e lhe faltam o básico para sobreviver com dignidade como alimentação, condições boas de higiene, espaço físico dentro da casa. Muitas famílias enfrentam problemas de alcoolismo, desemprego, violência doméstica e freqüentemente ausência da presença paterna. Catharino e Giffin (2002) reforçam, ainda, que as meninas buscam um lugar social. Invenção esta, que, no entanto não diz respeito a um projeto individual, mas a um projeto coletivo, pois é construído a partir de significados relativos à maternidade e as oportunidades materiais disponíveis em nossa sociedade.

Para discutir o assunto de forma mais direcionada separamos os fatores determinantes e condicionantes de uma gravidez precoce em tópicos que serão discutidos individualmente a seguir:

5.1 - Baixa escolaridade

A abordagem da escolaridade esteve presente em pelo menos quatro artigos dos dez pesquisados, demonstrando a relevância dessa questão na gravidez na adolescência. As jovens, quando recebem a notícia da gravidez, acabam deixando a escola em segundo plano com a intenção de viver esse momento, que para muitas representa felicidade e expectativa de um futuro melhor. Contudo, com a interrupção da escolaridade, são poucas as chances de a adolescente conseguir um emprego que lhe permita arcar com a responsabilidade e custear a nova vida que terá.

Catharino e Giffin (2002) e Godinho *et al.* (2000) afirmam que a gravidez na adolescência é mais acentuada nas populações mais pobres e com baixo nível de instrução. Segundo Rocha e Minervino (2009), a baixa escolaridade das adolescentes indica que quanto

menor a escolaridade, maior chance de ocorrência de uma gravidez precoce. Essas adolescentes, das classes mais baixas da sociedade, parecem estar mais vulneráveis a uma gestação precoce, pois muitas vezes idealizam situações românticas e felizes, acreditam que um filho pode trazer conforto, companhia e apoio do homem amado. Além disso, as adolescentes provavelmente envergonhadas de terem uma vida sexual fora do casamento não assumem a responsabilidade de usar algum contraceptivo ou acabam atribuindo esta responsabilidade ao homem.

Gurgel *et al.* (2008) reforçam essa idéia afirmando que o acesso à informação e à formação é importante para a co-produção de maiores coeficientes de autonomia. O mais importante é a capacidade que o adolescente adquire de utilizar esse conhecimento em exercício crítico de si mesmo e a interferir sobre sua rede de dependência.

Para Silva e Tonete (2006), dentre os fatores que determinam a saída da adolescente da escola antes do nascimento do filho estão o constrangimento e as pressões de diretores, professores e colegas. Após o nascimento, o abandono dos estudos se deve ao fato de a jovem ter de pagar, com seu trabalho doméstico, à família que abriga seu filho ou necessita ganhar o sustento de ambos. A adolescente agora deve assumir o papel de mãe e os estudos já não tem mais espaço, muitas vezes por falta de tempo para se dedicar a ele.

Rocha e Minervino (2009) ainda afirmam que quanto maior o número de anos de estudo, menores as taxas de gravidez entre os adolescentes, maior o uso do preservativo e possivelmente menor a exposição às DSTs, ao HIV e ao abortamento, inclusive em condições de risco. Então, percebe-se que a escolaridade, na verdade, pode ser expressão de uma série de outros indicadores sociais, como baixa renda e baixa informação. Segundo o autor:

As escolas aceitam que a gente dê palestras sobre prevenção e AIDS, mas não admitem que disponibilizemos camisinhas ou contracepção de emergência nesses espaços. Isso é lidar de maneira irresponsável com os jovens e sua capacidade de discernimento, daí a gravidez acontecendo (ROCHA E MINERVINO 2009, p. 244)

Existe um consenso de que os jovens da sociedade contemporânea têm muito mais acesso às informações sobre sexualidade do que os jovens de gerações anteriores. É comum encontrar meninos e jovens rapazes com caminha no bolso (em muitos casos, mais como uma maneira de reafirmar sua masculinidade do que propriamente como uma atitude de autocuidado). E quando inquiridos, muitos deles, meninas e meninos, sabem nomear pelo menos dois métodos contraceptivos. Ainda assim a gravidez ocorre (ROCHA e MINERVINO 2009, P. 243).

5.2 - Expectativas de uma união consensual com o parceiro

Através da leitura do material selecionado para este estudo, pôde-se perceber que muitas adolescentes não estavam satisfeitas com a situação do convívio com suas famílias. Elas são forçadas a ajudar nos trabalhos domésticos e são criadas de acordo com um modelo hierárquico, com uma divisão sexual de papéis muito forte, onde as mulheres são socializadas desde pequenas para exercer a maternidade. Nesse sentido, elas vão internalizando uma identidade feminina associada à função cuidadora, tomando conta dos irmãos mais novos enquanto os pais trabalham. Dessa forma, a opção pela união com o namorado é uma forma de conquistar a autonomia e maior liberdade diante do rígido controle imposto pelos pais.

Rocha e Minervino (2009) perceberam em seu estudo que a maioria dos pais dos bebês teve atitude de aceitação da gravidez, dando apoio e suporte à adolescente, embora tenha sido pego de surpresa no momento da notícia. Boa parte estabeleceu união estável com a companheira assumindo seu papel de pai e provedor da nova família. Como boa parte dos pais também é adolescente, alguns rejeitaram a união e o filho alegando que a namora engravidou para prendê-lo a ela. Em contrapartida, para Godinho *et al.* (2000), a maioria dos pais não aceitou a união estável com a mãe de seu filho por medo da perda da liberdade que, para eles é tão importante nessa fase da vida. As autoras constataram em seu estudo a imaturidade dos pais que não se viam preparados para assumir e sequer imaginar uma vida de responsabilidades frente a nova vida e ao bebê.

Segundo Silva e Tonete (2006), as adolescentes são, em alguns casos, estimuladas a se relacionarem com homens mais maduros, com o propósito de se casarem ou ao menos manter um relacionamento estável, que minimize as carências econômicas da família. Essa exploração sexual pode ocorrer de maneira discreta, quando a família “aceita” o relacionamento da jovem com um homem muitas vezes mais velho.

De acordo com Cavasin *et al.* (2004), um aspecto que merece destaque é a total ausência de informação sobre os parceiros das jovens grávidas. Na ficha de cadastro das gestantes que procuram o serviço de saúde para iniciar o pré-natal, não consta nenhuma informação – nome ou idade – sobre o futuro pai da criança. Essa lacuna reforça a associação da reprodução ao universo feminino, excluindo *a priori* a participação do homem. Ainda que muitas mulheres tenham seus filhos sem a posterior participação masculina, são fundamentais as informações sobre a idade do parceiro e a condição da relação.

Catharino e Giffin (2002) trazem à tona a questão da formação da identidade da adolescente, após a gravidez, enquanto sujeito e seu papel na sociedade. A partir da gravidez a

menina passa a ser mãe, esposa, mulher e até mesmo a “rainha do lar” conferindo a ela identidade na vida.

5.3 - Gravidez não planejada e uso incorreto dos contraceptivos

Para Rocha e Minervino (2009), apesar de em um primeiro momento a adolescente ser pega de surpresa por uma gravidez não planejada, o sentimento da maternidade se desenvolve durante a gestação. A maioria das entrevistadas no estudo do autor manifestou sentimentos positivos, como felicidade, referindo-se ao bebê como um presente de Deus para elas.

Segundo Gurgel *et al.* (2008), Catharino e Giffin (2002) e Hoga (2008), a gravidez na adolescência decorre, principalmente, da não utilização de métodos contraceptivos e, em menor porcentagem, da utilização inadequada desses métodos. Nessas circunstâncias, as ações de prevenção assumem papel de suma importância, devendo incluir não apenas a oferta de preservativos e os demais métodos anticoncepcionais, mas também a garantia de espaços para que o adolescente possa falar de si próprio, trocar experiência e receber informações que favoreçam a adoção de hábitos saudáveis de vida. Gurgel *et al.* (2008) afirmam que os adolescentes entrevistados por eles que apresentaram vulnerabilidade para uma gravidez precoce apresentaram menarca precoce, iniciação sexual precoce, conflitos familiares, fatores psicossociais, baixa auto-estima, maus-tratos e baixa qualidade de vida como os que afetam as suas necessidades humanas básicas.

Catharino e Giffin (2002) afirmam que muitas adolescentes relataram vergonha de ir ao médico, crença de que não irão engravidar gerada pelo fato de não terem relação sexual diariamente, coito interrompido como método de prevenção mais usado, preconceitos quanto à utilização de preservativo masculino, e o desejo de engravidar das jovens mães por diversos motivos.

5.4 - Vivência imatura da sexualidade

Segundo Joffily e Costa (2006), a adolescente usa o sexo como meio de buscar o afeto que lhe falta, para sanar a carência afetiva que se acentua neste período pela mudança de atitude que os pais e a sociedade passam a ter com ela. Ela não recebe mais os cuidados e proteção que recebia na infância. Nem tampouco recebe orientações adequadas quanto ao exercício da sua sexualidade. O sexo passa a ser visto como canal de descarga de suas angústias e conflitos e também como algo perigoso, com risco de engravidar. O que acontece

é que a adolescente muitas vezes não tem força de vontade para controlar sua energia sexual e acaba deixando “rolar” a sua vida sexual. Para a autora, o sexo é usado também pela adolescente como forma de aceitação do seu grupo de amigos ou do seu parceiro. A vontade de conhecer o novo, de se auto-afirmar e se sentir independente, como busca de um par, como rebeldia contra o mundo ou contra os pais, a ignorância, a desinformação ou dificuldade de usar métodos contraceptivos, acabam levando a adolescente despreparada a uma gravidez indesejada e/ou planejada.

5.5 - Influência e aceitação da família

As perturbações e as tensões que o adolescente pode apresentar devem ser consideradas como indícios de que estão em curso as mudanças interiores normais de sua fase de desenvolvimento. Entretanto, não podemos afirmar que todos os adolescentes vivenciam esta fase da mesma forma. A influência da família e das experiências culturais e históricas, vão interferir em uma adolescência de desenvolvimento gradual e não conflitivo ou em uma adolescência de crises e tensões (YAZLLE, 2006).

Segundo essa mesma autora, em seus estudos com adolescentes de baixa renda, a gravidez não estaria relacionada com as vivências afetivas pessoais advindas da família, mas sim de um fator de repetição transgeracionais. Em seu estudo, pode-se perceber que a maioria das adolescentes que engravidaram teve mães que também passaram pelo mesmo processo de gravidez precoce.

Em se tratando dos sentimentos da família no momento da descoberta da gravidez, Silva e Tonete (2006) afirma que seu estudo permitiu identificar que a notícia sobre a gestação da adolescente solteira, em um primeiro momento, representou um choque para os familiares, por se tratar de um acontecimento inesperado, entretanto, ao poucos, as famílias passaram a aceitar e a se conformar com a situação. As famílias acreditam que fizeram tudo que estavam ao seu alcance para advertir as adolescentes sobre os infortúnios de uma gravidez nessa fase da vida, demonstrando a sua impotência para evitar uma gravidez precoce na família. De outra maneira, eles imputam a responsabilidade desse problema, às próprias jovens.

Ainda no estudo de Silva e Tonete (2006) observam que algumas famílias incentivaram a adolescente a engravidar, ligando essa expectativa ao relacionamento fixo da jovem com o pai da criança. A união estável da adolescente com o pai da criança parece contribuir para a representação da gestação com o evento natural e desejado. Essa situação

mobiliza a família para uma preocupação com o bem estar físico da adolescente e ao oferecimento de suporte durante a gravidez e também elabora planos para o momento após o nascimento da criança.

Na concepção da adolescente, o suporte familiar recebido durante a gravidez pode ser composto por ajuda financeira, explicações, conselhos, reforço da responsabilidade que agora elas terão que assumir, amadurecimento pessoal e a vida de “esposa” (nos casos em que ocorreram a união estável entre os jovens). Segundo Catharino e Giffin (2002), muitas adolescentes relataram desde a conquista de um quarto só para ela dentro da casa onde mora com a família até a obtenção de cuidados afetivos. Algumas relataram melhora na relação com a família do pai do concepto, em que a sogra a acompanhou na consulta de pré-natal. Para as autoras, as famílias, tanto materna quanto paterna, tentam de alguma forma solucionar o sustento e a moradia do futuro casal, conferindo a eles a segurança que não tinham enquanto solteiros.

5.6 - Negligência em relação à exposição de risco à saúde

Segundo Gurgel *et al.* (2008), a gravidez na adolescência pode produzir efeitos nocivos à saúde da mãe e do concepto e contribuir para a manutenção da pobreza. Quando essa ocorre na faixa etária de 10 a 14 anos, os transtornos são ainda maiores, pois a maior parte não é planejada, sendo interrompida pelo aborto, praticado, frequentemente, em péssimas condições técnicas e de higiene, com risco de apresentar complicações e graves sequelas, podendo levar a adolescente à morte.

Silva e Tonete (2006) reforçam que a gravidez precoce pode prejudicar seu físico ainda imaturo e seu crescimento normal. Para ele, essas adolescentes estão sujeitas a eclampsia, anemia, trabalho de parto prematuro, complicações obstétricas e recém-nascidos de baixo peso, além de ter repercussões no âmbito psicológico, sociocultural e econômico, que afetam a jovem, a família e a sociedade

Silva e Tonete (2006) relatam em seu estudo que a gravidez na adolescência realmente não deve ser marcada apenas como experiência negativa e insalubre para as jovens e suas famílias. Para muitas adolescentes e suas famílias, esse acontecimento é familiar e social, esperado ou não, deve ser assumido e vivenciado por todos a sua volta e pode contribuir não só para o desenvolvimento global da adolescente, como também para o desenvolvimento global da família, que se torna até mais unida e fortalecida. Catharino e Giffin (2002) nos lembram da diferença entre planejar uma gravidez e de desejá-la. Para a autora, as

adolescentes em seu estudo não planejaram ficar grávida, mas não consideram sua gestação indesejada, pois tinham conhecimentos dos riscos e mesmo assim não fizeram nada para evitar, manifestando um desejo consciente de gravidez.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravidez na adolescência constitui desafio para as políticas públicas no contexto da promoção da saúde e traz à tona questões relevantes sobre esse problema, no momento em que há o desafio de fornecer aos adolescentes subsídios para viver sua sexualidade de forma plena e com planejamento de anticoncepção ou concepção, no âmbito da promoção da saúde.

Os jovens não podem ser considerados adultos e nem serem cobrados para terem esse comportamento, pois ainda não tem condições de responder de forma independente por todos os segmentos de sua vida (profissional, afetivo, financeiro, sexual etc.) e os adolescentes de classes sociais menos favorecidas vivem o processo adolescente de forma extremamente curta. Esses adolescentes têm como preocupação a sobrevivência, têm que assumir responsabilidades de adultos em suas famílias e são pressionados pela realidade a assumirem também, um nível de autonomia e responsabilidade precocemente. Ademais, não têm tempo para elaborar e amadurecer seus conflitos maturacionais. Essa condição restringe a possibilidade de experiências intelectuais e afetivas, não permite errar, fracassar, reformular, questionar e duvidar. Essa é a situação de desvantagem em relação a outros adolescentes de mesma faixa etária, porém em outras condições socioculturais e socioeconômicas.

Conforme a literatura, as adolescentes engravidam por outras causas que não o desejo pela maternidade em si. Engravidar para não perder o namorado, para sair da casa dos pais e evitar o clima familiar desagradável, para afirmar sua feminilidade através da fertilidade, para encontrar nos cuidados com o filho um objetivo para a sua vida, para aplacar a solidão na companhia do filho, por uma vida tortuosa, a tentativa de preencher um vazio interior.

Para a maioria dos autores pesquisados, as adolescentes se sentem super felizes com o filho, afirmando que “essa criança é tudo o que ela tem na vida”. Com isso, o significado mais constante e aparente é o significado dos vínculos afetivos que foram deficientes e inconsistentes no passado e no presente, que são transferidos para o filho na busca de reparação e satisfação. Esse apego é fundamental e se apresenta como uma necessidade básica e vital, inclusive para a sua própria saúde mental.

Levando em consideração que a atuação do enfermeiro, como de toda a equipe de saúde, tem ações centradas na tríade promoção, prevenção e assistência, sendo as duas primeiras de maior relevância no processo de trabalho que vai ao encontro dos princípios e diretrizes do SUS, o significado da gravidez para as adolescentes de baixa renda afirma a importância de programas alicerçados na literatura e dirigidos aos adolescentes. Sendo assim,

acreditamos ser importante dispor de novas formas, que não a maternidade, de saciar as necessidades emocionais e de desenvolvimento através de atividades técnicas e/ou práticas pela educação alternativa, programas de capacitação vocacional e elaboração de projeto de vida. Também são importantes os programas educativos sobre desenvolvimento sexual, capacitação de habilidades interpessoais de negociação e de comunicação nas escolas, além de desenvolver instrumentos para identificar adolescentes com alto risco para a gravidez precoce. As ações de promoção da saúde são consideradas de grande relevância para a co responsabilidade e o fortalecimento do vínculo na relação enfermeiro adolescente.

Como proposta de intervenção, a Equipe de Saúde da Família do Centro de Saúde Granja de Freitas compromete-se a estruturar os grupos operativos voltados para as adolescentes com o objetivo de troca de experiências, criando um espaço para os jovens falarem e colocarem na palavra o que sentem, e não apenas nos seus atos. Pretende-se que o grupo seja um momento de encontro para que as adolescentes possam expressar seus sentimentos, emoções, expectativas e medos. O objetivo é promover um ambiente saudável e compreender o adolescente como sujeito no seu ambiente físico, social, econômico ou político, suas relações com as redes de suporte social.

REFERÊNCIAS

CATHARINO, T. R.; GIFFIN, K. **Gravidez e Adolescência: investigação de um problema moderno**. Secretaria de Estado de Saúde, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br> Acesso em: Ago. 2010.

CAVASIN, S. *et al.* Gravidez de Adolescentes entre 10 e 14 anos e vulnerabilidade Social: Estudo Exploratório em Cinco Capitais Brasileiras. **ECOS (Comunicação em Sexualidade)**. São Paulo, mar. 2004.

ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) (1996). São Paulo: Governo do Estado de São Paulo.

GODINHO, R. A. *et al.* Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, Abr.2000.

GURGEL, M.G.L *et al.* Gravidez na adolescência: tendência na produção científica de enfermagem. Escola Anna Nery. **Revista Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 799-805, dez 2008.

HOGA, L. A. K. Maternidade na adolescência em uma comunidade de baixa renda: experiências reveladas pela história oral. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 280-286, mar./apr. 2008.

JOFFILY, S.M.L.C.; COSTA, L.F. **É possível prevenir gravidez na adolescência?** Brasília: 2006. Disponível em: www.psicologia.com.pt Acesso em: out. 2009.

OMS (Organização Mundial de Saúde) (1975). *El embarazo y el aborto em la adolescencia*. Genebra. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo> Acesso em: Ago. 2010.

ROCHA, L. C. da; MINERVINO, C. A. M. Ser mãe adolescente: sentimentos e percepções. **Revista Brasileira de medicina**, João Pessoa, v.6, n.44, p. 242-247. Fev. 2009.

SILVA, L.; TONETE, V. L. P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Revista Latino America de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 14, n.2, p. 199-206, mar./abr. 2006.

YAZLLE, M.E.H.D. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 8, p. 443-445, ago. 2006.